

42 e 43

1993

Instituto de arte

contemporânea

EMBLEMAS DO CORPO

1994

O NU NA ARTE MODERNA BRASILEIRA

EMBLEMAS DO CORPO

O NU
NA ARTE
MODERNA
BRASILEIRA

6 DE OUTUBRO
A 19 DE DEZEMBRO
DE 1993

CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL

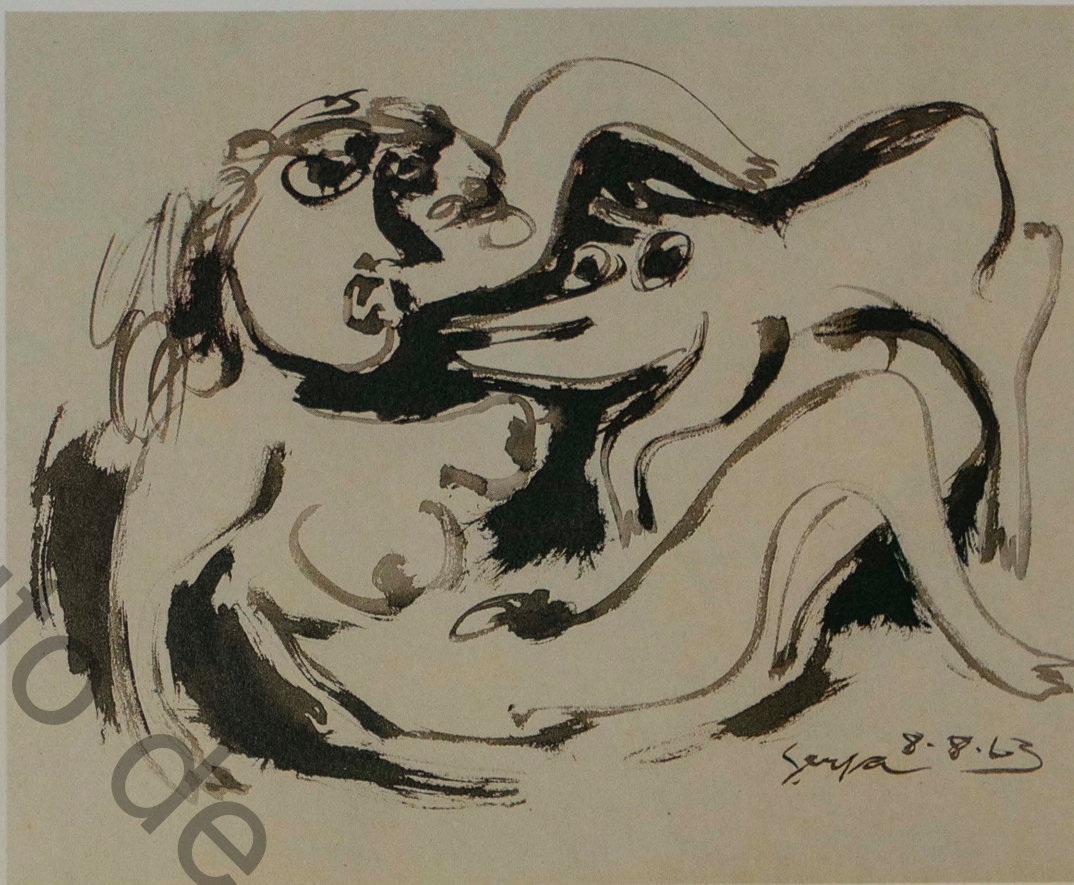
RIO DE JANEIRO

CENTRO CULTURAL



BANCO DO BRASIL

instituto de



arte



Grãnea

IVAN SERPA
MULHER E BICHO
1963
AGUADA E NANQUIN S/ PAPEL
49,9 X 64,8 CM
COLEÇÃO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RJ

IVAN SERPA
UM CORPO NU
1965
TÉCNICA MISTA
100 X 100 CM
COLEÇÃO LYGIA SERPA, RJ

o curso de Desenho Técnico de Arquitetura do Instituto de Belas Artes, estudando paralelamente pintura com João Fahrion. Em 1942, muda-se para o Rio de Janeiro onde se matricula na Antiga Escola Nacional de Belas Artes, da qual se desligaria dois meses depois.

Em 1943, foi um dos fundadores do *Grupo Guignard*, tendo obtido o prêmio de viagem ao Estrangeiro da Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes de 1947. Viajou então para a Europa, onde teve a oportunidade de estudar com Giorgio de Chirico, Carlos Petrucci, Antonio Achille e Leone Augusto Rosa, em Roma, e com André Lhote, em Paris. Desenvolveu intensa atividade docente, tanto no Rio de Janeiro quanto em Porto Alegre, tendo ensinado ainda em Montevidéu a convite do Itamaraty. É autor de um manual técnico, *A Gravura*, bem como de um ensaio teórico de caráter autobiográfico, *A criação plástica em questão*. Em 1962, mereceu uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sendo homenageado no ano seguinte com uma Sala Especial na 7a. Bienal Internacional de São Paulo, tendo participado ainda de outras edições do evento, como a 6a. (1961), quando lhe é outorgado o prêmio de Melhor Pintor Brasileiro. Participou igualmente das Bienais de Tóquio, do México e de Veneza, entre numerosas outras mostras internacionais.

Tendo confessadamente uma visão trágica do mundo, por não entrever qualquer futuro para a humanidade, Iberê Camargo é noturno e dramático. *Colhido em plena rua pela tragédia, o artista leva para a tela o drama. Passa a viver sua hora da verdade. Sua pintura torna-se confessional, autobiográfica. A figura emerge com toda virulência do pantanal em que se transforma sua pintura desde que adotou a abstração como linguagem. Cada novo quadro, cada nova hora é uma exercício de auto-expição, de auto-punição. Como Rouall, ele constrói, em cada tela, seu "De Profundis", seu "Miserere", constrói sua prisão, o espelho onde projeta sua alma dilacerada. Com espanto ele vê sua sombra projetada entre os fantasmas que rondam a morada de seu ser - o quadro (11).*

ISMAEL NERY

Belém, PA, 1900 - Rio de Janeiro, RJ, 1934

Mudou-se para o Rio de Janeiro aos nove anos de idade, aqui estudando na Escola Nacional de Belas Artes (1915), mas logo se rebelando contra o ensino acadêmico e abandonando a Escola para realizar suas investigações estéticas por conta própria.

Foi para Paris em 1920, ali permanecendo durante um ano, tendo estudado na Académie Julien por três meses. Em sua segunda estada na Europa, em 1927 (maio a novembro), teve um contato decisivo com Marc Chagall, que viria a ser sua grande influência confessa, juntamente com Picasso e Miró, travando ainda amizade com os surrealistas André Breton e Marcello Noll.

Nomeado desenhista da Seção de Arquitetura e Topografia da Diretoria do Patrimônio Nacional do Ministério da Fazenda, em 1921, Nery começou a expor em 1928, quando realizou uma individual que passou completamente despercebida em Belém. Durante sua breve existência, tumultuada pela tuberculose que findaria por matá-lo precocemente aos 34 anos de idade, ele realizou apenas três exposições individuais. Além da precedente referida, expôs no Rio de Janeiro, no Palace Hotel (1929) e no estúdio do fotógrafo Nicolas (1930). Neste mesmo ano, participou de importante coletiva brasileira no Museu Roerich de Nova

Iorque, juntamente com Georgina de Albuquerque, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Tarsila do Amaral, Guignard, Anita Malfatti, entre outros. Em 1931, tomou parte da 38a. Exposição Geral de Belas Artes no Rio de Janeiro, participando dois anos depois de sua última coletiva em São Paulo, na Sociedade Pró-Arte Moderna.

Intelectual poderoso, concebeu um sistema filosófico por ele batizado de *Essencialismo*, sem jamais consigná-lo por escrito no entanto. Tido pelo crítico Antônio Bento como *o pintor maldito da fase inicial do nosso Modernismo*, Nery foi precursor do surrealismo no Brasil, pagando caro por este pioneirismo. Taxado de *louco* por Portinari, só encontrou incompreensão por parte do grande público em vida, merecendo consagração póstuma somente a partir da exposição retrospectiva que o poeta Murilo Mendes organizou em sua homenagem em 1935. Dentre as reavaliações de sua obra que se seguiram, cumpre destacar o livro de Antônio Bento (1973) e a retrospectiva, acompanhada do livro *Ismael Nery 50 anos depois*, que Aracy Amaral lhe dedicou no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo em 1984.

IVAN SERPA

(Ivan Ferreira Serpa)

Rio de Janeiro, RJ, 1923 - Rio de Janeiro, RJ, 1973)

Aluno de Axel Leskoschek entre 1942 e 45, Serpa veio a desenvolver mais tarde intensa atividade docente, sendo a estrela maior dos cursos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e sintetizando suas experiências neste campo no livro *Crescimento e Criação* (1954), feito em parceria com o crítico Mário Pedrosa.

Articulador da criação do *Grupo Frente* (ativo entre 1954 e 56), foi um dos precursores da pintura abstrata no Brasil, tendo sido premiado na 1a. Bienal Internacional de São Paulo, com o prêmio Jovem Artista Nacional; na 2a., com o prêmio Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; e com o prêmio ARDEA na 6a. Ganador ainda do prêmio de Viagem ao Estrangeiro do Salão de Arte Moderna de 1957, passou os dois anos subsequentes aperfeiçoando-se na Europa, principalmente na Itália e na Espanha, de onde retornou fortemente impressionado com as pinturas rupestres da caverna de Altamira.

Internacionalmente consagrado, Serpa participou de três edições diferentes da Bienal de Veneza, em 1952, 1954 e 1962, da Bienal de Barcelona em 1955, da Bienal de Zurique em 1960, e da Bienal de Córdoba em 1962. Dentre as importantes coletivas nacionais de que participou, destacam-se a 1a. Exposição Nacional de Arte Abstrata, realizada no Hotel Quitandinha (Petrópolis) em 1953, as mostras do *Grupo Frente*, *Opinião 65*, *Opinião 66* e *Nova Objetividade* (1967), todas realizadas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que sediou duas retrospectivas suas, em 1965 e 1971, bem como a homenagem póstuma organizada por Roberto Pontual em 1974. Cumpre ressaltar igualmente a recente retrospectiva promovida por Reynaldo Roels e Fábio Settimi no Centro Cultural Banco do Brasil.

Dotado de extrema versatilidade, Serpa era considerado pelo crítico e historiador Walter Zanini como *um fenômeno de periodização*. Segundo ele, *nenhum pintor brasileiro conheceu neste século e nesse pra- variações e ruturas de conteúdo e forma tão radicais. Mesmo aos que o conheciam melhor, as antinomias espirituais de sua arte provocaram o maior sentimento de surpresa (12).*